

FEMINARIA MUSICAL: GRUPO DE PESQUISA E EXPERIMENTOS SONOROS

Laila Rosa¹
Eric Hora²
Laurisabel Silva³

Resumo: O presente trabalho apresenta um pouco das pesquisas e atividades artísticas realizadas pelo Feminaria Musical, grupo da Escola de Música da Universidade Federal da Bahia que integra a linha de pesquisa Gênero, Cultura e Arte do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA). O grupo emergiu a partir da necessidade de se criar um espaço de discussão, reflexão, experimentação e intervenção artística a partir de parâmetros etnomusicológicos feministas e pós-coloniais. Com apenas um ano de existência, o grupo tem agregado professor@s e alun@s de diferentes áreas e também artistas colaborador@s de “fora” da academia. Nas nossas produções, intervenções e performances consideramos a importante articulação entre gênero, sexualidade, raça/etnia, geração e outros marcadores sociais que delineiam corporalidades e lugares de falas específicos e enfrentamentos às matrizes de desigualdades em relação ao cultural e ao musical. Buscamos assim, dialogar com propostas que questionem e rompam com padrões culturais e artísticos racistas, sexistas e heteronormativos, criando assim, um espaço alternativo para nós mesm@s que fazemos parte do grupo e que temos identidades e trajetórias tão distintas.

Palavras-chave: Gênero, raça e sexualidade – Produção de conhecimento sobre mulheres e música no Brasil - Música/etnomusicologia

O presente artigo pretende oferecer um panorama geral sobre o *Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros* (FM) que “oficialmente” nasceu a partir do projeto de pesquisa “Feminaria Musical ou epistemologias feministas em Música no Brasil”⁴:

Esta pesquisa tem como objetivo geral mapear e gerar estudos, dados e registros sobre mulheres, representações de feminino na música, feminismo e música no campo da etnomusicologia em contexto brasileiro, tendo como foco o contexto soteropolitano. Através de um levantamento sobre quais tipos de abordagens teóricas têm sido adotadas e/ou produzidas para minimizar a invisibilidade feminina nas pesquisas sobre música, a ideia é discutir de forma crítica sobre epistemologias acerca de música e das dinâmicas nas relações de gênero, raça e etnia, classe, sexualidade e geração que situam experiências diversas dos seus sujeitos musicais, onde em muitos momentos, estes sujeitos representam alteridades históricas em relação à hegemonia androcêntrica, heteronormativa e patriarcal branca (SEGATO, 2002; SOVIK, 2009; ANZALDÚA, 2005).

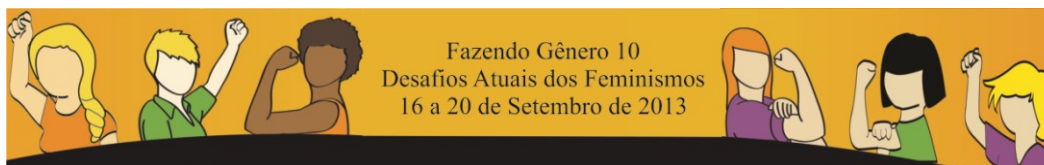
O projeto buscará dialogar com a bibliografia existente dentro dos grandes eixos temáticos etnomusicologia-cultura-feminismo, a fim de discutir a importante questão das epistemologias ideologicamente construídas. O ponto de partida consiste no fato de que, ao mesmo tempo em que se reconhece o importante papel da música na sociedade, se estabelece a invisibilidade das mulheres nas pesquisas sobre música. O mesmo (ainda)

¹ Musicista e etnomusicóloga. Profa Dra da Escola de Música da UFBA e pesquisadora do Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher (NEIM/UFBA), Salvador-BA.

² Músico e mestrando em etnomusicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA com bolsa CNPq de mestrado. Tutor da pesquisa “Feminaria Musical ou epistemologias feministas em Música no Brasil”, Salvador- BA.

³ Musicista e mestranda em etnomusicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Música da UFBA, com bolsa CAPES de mestrado. Tutora da pesquisa “Feminaria Musical ou epistemologias feministas em Música no Brasil”, Salvador- BA.

⁴ Projeto de iniciação científica aprovado pelo Programa Permanecer/UFBA (2012).



ocorre nas demais áreas do conhecimento (SCOTT, 1990), sendo importante destacar que “mulheres” de longe correspondem a uma categoria homogênea (CARNEIRO, 1994).

A partir da aprovação do mesmo, se deu a efetiva existência do grupo, já com a presença de bolsistas, tutor@s e voluntárias⁵ das diversas áreas de conhecimento das artes e das humanas da UFBA e também de fora da universidade⁶.

Podemos afirmar que o grupo surgiu a partir do encontro de pessoas que compartilham o desejo de ouvir e fazer música, de falar sobre música, e de fazer uma intervenção política feminista anti-racista e LGBT coletiva através da música, seja refletindo sobre a mesma, seja interagindo através da mesma com as performances propostas e eventuais atividades de apreciação musical e de integração com improvisações experimentais coletivas, procurando atender a uma agenda também do movimento social.

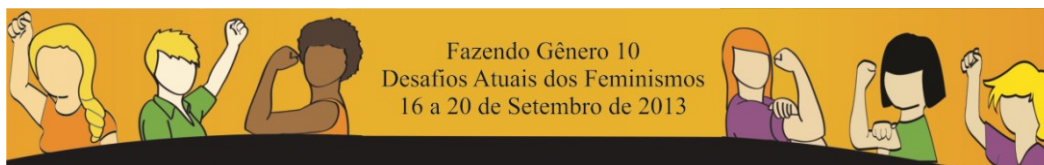
É importante destacar ainda que, antes mesmo da aprovação do projeto, já existia toda uma militância dentro do movimento feminista, bem como, o desejo de realizar o sonho de tod@ artista que adentra as duras e rígidas paredes da academia: de criar brechas para poder estabelecer uma atuação acadêmica politizada e, ao mesmo tempo, de poder seguir com uma atuação artística, considerando os processos criativos como um importante marco de reflexão a partir de nossas próprias histórias de vida, bem como, de intervenção política. Ainda neste sentido, contribuir para uma produção de conhecimento engajada e criativa numa composição coletiva em via de mão dupla, trazendo o princípio freireano de dialogicidade (Freire, 1987).

Nestes termos, apresentamos um breve relato de experiência coletiva deste primeiro ano de existência do FM, considerando os aportes políticos e teóricos que fomentam a nossa pesquisa, passando pelo trabalho que estamos realizando coletivamente sobre mulheres e música no Brasil⁷. Felizmente, este projeto entra em seu segundo ano de execução, pois, no intuito de dar continuidade ao projeto e ao grupo, conseguimos para este ano de 2013 a renovação do projeto com a inclusão da parte etnográfica com a proposta: “*Feminaria musical* ou epistemologias feministas em música no

⁵ Bolsistas: Neila Alcântara (cantora, compositora e estudante do BI de Artes da UFBA), Luciano Moraes (músico, compositor e estudante de composição da UFBA) e Sheila Araújo (poetisa e estudante do curso de Letras da UFBA). Voluntárias: Ariádila Queiroz (estudante indígena Pataxó, pianista e formanda do curso de Licenciatura em Música da UFBA), Ellen Carvalho (cantora e estudante do curso de Música Popular da UFBA) e Laura Cardoso (compositora, instrumentista e estudante do curso de composição da UFBA). Tutor@s: Michael Iyanaga (Dr em etnomusicologia pela Universidade da Califórnia), Laurisabel Silva e Eric Hora (mestrand@s em etnomusicologia da UFBA).

⁶ Tivemos ainda a participação de Deusy Magalhães, atriz profissional que fez um importante trabalho corporal com o grupo em atividade que realizamos no festival feminista “Vulva La Vida” (2013).

⁷ Este artigo considera de forma mais resumida o que abordamos em outro artigo maior, escrito coletivamente pelo FM e que está no prelo a ser publicado ainda este ano, cujo título é “Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: *algumas reflexões*” (ROSA et al, 2013).



Brasil 2: *das experiências etnográficas*”⁸, cujo intuito consiste em produzir novos dados sobre mulheres e música no Brasil, através da pesquisa etnográfica a ser realizada em Salvador, com o sub-projeto “O som das compositoras de Salvador: da experiência etnográfica”, onde:

Continuaríamos com o aprofundamento das leituras, pesquisas e nossas rodas de conversas e experimentações musicais sobre músicas, as relações étnico-raciais, de gênero, sexualidade, mulheres e os feminismos, produzindo textos reflexivos e artigos sobre nossa própria atuação, elaborando atividades de interação sobre músicas e feminismos voltados a grupos diversos dentro e fora da universidade. Partiríamos ainda para a parte de cunho mais etnográfico da pesquisa que foi adiada por conta da grande demanda teórica neste primeiro ano de pesquisa e familiaridade com o tema. A inclusão da parte etnográfica se daria da seguinte forma: etnografia virtual (pesquisa em sites de relacionamento como youtube, facebook e myspace, dentre outros) e realização de ida a campo em Salvador, considerando a atuação das compositoras dos mais variados gêneros musicais que residem e atuam na cidade, acompanhando apresentações e realizando entrevistas com as mesmas. (ROSA, 2013, p. 6).

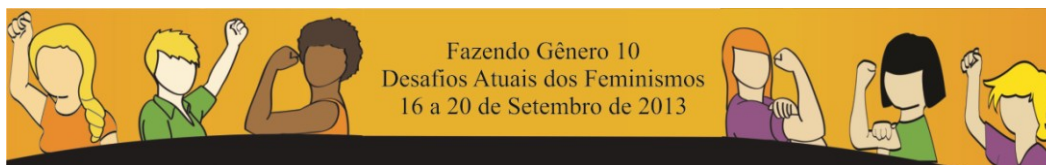
Por fim, abordaremos um pouco das estratégias e dos desejos musicais coletivos que passam pelos experimentos sonoros que desejamos cada vez mais aprofundar conceitualmente e vivenciar musicalmente no grupo e, principalmente, fora dele, na rua, na militância e onde mais puder ser.

1. Música feminista negra, indígena, branca, LGBT, etc...: *músicas no plural*

O *Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros* (FM) surgiu de três desejos: político, teórico e artístico. Político e teórico por que havia o desejo, e ainda há, de realizar pesquisa feminista em música no campo da etnomusicologia, e, especificamente, sobre a produção de conhecimento sobre mulheres e música no Brasil, como resposta ao incômodo em relação ao nítido silenciamento sobre tais questões, como colocado em outro momento:

Contudo, é importante destacar que mesmo que mudanças significativas venham ocorrendo no campo da etnomusicologia, a academia que inicialmente a abriga consiste ainda num lugar onde o androcentrismo branco acadêmico predomina historicamente na produção de conhecimento de forma geral, e sobre música especificamente. Este, por sua vez, representa o norte teórico de diversas ações políticas, é, por sua vez, fundamentado por padrões heteronormativos de conduta. Logo, se música é som humanamente organizado (BLACKING, 1974), torna-se então imprescindível abordar (e politizar) a diversidade dos sujeitos que produzem música. (LÜHNING; ROSA, 2010, p. 331).

⁸ Neste o grupo ganhou também mais uma bolsa, o que facilitará o árduo trabalho de pesquisa realizado pela equipe. Bolsistas PIBIC/UFBA: Laura Cardoso (compositora, instrumentista e estudante do curso de composição da UFBA), Neila Alcântara (cantora, compositora e estudante do BI de Artes da UFBA), Priscila Graziela Silva Araújo Mascarenhas (regente e formanda do curso de licenciatura em Música da UFBA) e Sheila Araújo (poetisa e estudante do curso de Letras da UFBA). Voluntárias: Ariádila Queiroz (estudante indígena Pataxó, pianista e formanda do curso de Licenciatura em Música da UFBA) e Ellen Carvalho (cantora e estudante do curso de Música Popular da UFBA) Tutor@s: Rebeca Sobra (Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Estudos Interdisciplinares Sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da UFBA), Laurisabel Silva, Eric Hora e Ítalo Robert Araújo (mestrand@s em etnomusicologia da UFBA).



Felizmente neste quadro de silenciamento temos raras e significativas exceções ecoando nos diversos campos do estudo da música. Para citar alguns em cada campo de estudo, temos na etnomusicologia os trabalhos de Rita Segato (1999 e 1995), Maria Ignez Cruz Mello (2005), Laila Rosa (2005 e 2009) e bem recentemente o trabalho de Talitha Couto Moreira (2012); no campo da musicologia e da performance temos o trabalhos de Palombini (2003), que, ao traduzir o importante verbete sobre música gay e lésbica de Brett e Wood (2001), retomou a importante questão da sexualidade, Joana Holanda e Cristina Gerling (2005), Isabel Nogueira e Francisca Michelin (2011); no campo da educação musical os trabalhos de Helena Lopes (2000) e Harue Tanaka (2008). Temos ainda contribuições sobre o tema oriundas de outras áreas de conhecimento, como é o caso de Jurema Werneck (2007) sobre as ialodês no samba, Rebeca Sobral (2010) sobre mulheres no hip hop soteropolitano, Clebemilton Nascimento (2012) sobre a representação das mulheres em letras de pagodes baianos e Rafael Noleto (2012)⁹ sobre a sociabilidade gay em relação às divas da música popular brasileira. Portanto, diante deste panorama, percebemos importantes referências que abriram caminho para o tema, e também novos nomes e pesquisas surgindo, o que consiste num importante indicativo.

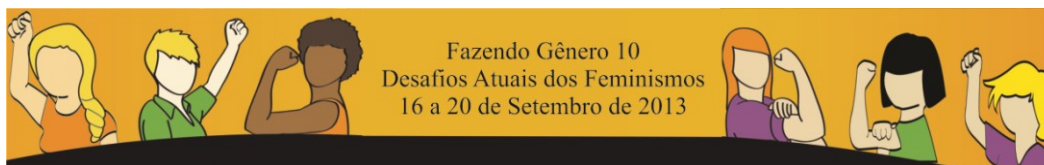
2. *Feminaria Musical* ou epistemologias feministas em Música no Brasil

Ao todo são cerca de dez anos que a proponente e coordenadora do projeto vem se dedicando, no campo da etnomusicologia, às questões de gênero, raça e sexualidade nas músicas sagradas afro-brasileira e afro-indígena¹⁰, respectivamente. A partir daí, veio junto também a constatação da escassez de trabalhos que, de algum modo, abordem tais questões nos diferentes contextos musicais abordados nesta área de conhecimento. A partir daí, e juntamente com a militância feminista, o projeto surge com a pergunta: “o que (não) se produz sobre mulheres e música no Brasil?”, escolhendo como recorte temporal inicial os anos de 2007-2011, visto que iniciamos a pesquisa no começo de 2012.

Certamente que os aportes teóricos foram se modificando ao longo dos anos, até chegar na atual proposta da pesquisa. Contudo, algumas autoras já citadas anteriormente e outras mais, representam importantes referências para esta nossa caminhada epistemológica desde o feminismo

⁹ Jurema é médica e fez doutorado em comunicação (UFRJ), Clebemilton e Rebeca foram estudantes de letras e ciência política, respectivamente, e que, posteriormente, cursaram o mestrado no Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo (PPGNEIM/UFBA). Já Rafael Noleto veio da antropologia, embora seu caso seja especial pelo fato do mesmo ser cantor, compositor e formado em educação musical antes de aportar pelos caminhos da antropologia.

¹⁰ Contextos do xangô pernambucano e da jurema sagrada, respectivamente (ROSA, 2005 e 2009).



negro e indígena à crítica à branquitude e heteronormatividade como de Lélia Gonzalez (1984), Liv Sovik (2009), Gloria Anzaldúa (2005); ao conceito de gênero e importância da reescrita da história de Joan Scott (1991 e 1992); da pluralidade entre as mulheres como nos aponta o belo livro organizado por Joana Maria Pedro e Carla Bassanezi Pinski (2012); da produção de conhecimento como Claudia Pons Cardoso (2012) e Londa Schiebinger (2001); tais questões no campo da performance e da música, como nos apresentam Patricia Sawin (2002) e Margareth Sarkissian (1992), dentre outras autoras mais profundamente abordadas em outro momento (Rosa et al, 2013).

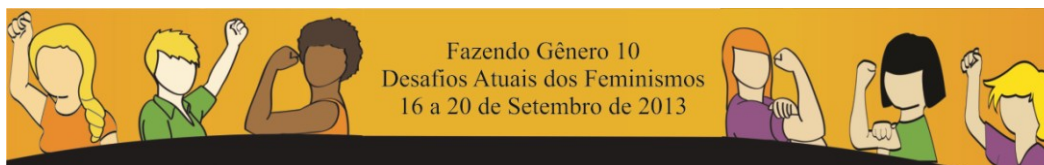
Como aportes teóricos, mantemos a proposta inicial abordada pelo primeiro projeto:

De modo geral, a presente abordagem reelabora e refuta a ideia do universal masculino, ou mesmo de "comunidade", categoria amplamente utilizada nos estudos etnomusicológicos, enquanto uma categoria homogênea, buscando trazer abordagens epistemológicas politizadas e pautadas num marco teórico feminista que ressalte a visibilidade feminina e discuta as relações de gênero e poder (SCHIEBINGER, 2001) que também estão presentes no universo musical e na produção de conhecimento sobre música. Como decorrente de tais questões, deseja-se também produzir conhecimento sobre mulheres compositoras-musicistas, discutindo o que estas têm feito musicalmente, e se os seus feitos têm sido considerados como relevantes pelos trabalhos acadêmicos, no campo da etnomusicologia e/ou áreas afins. Assim como o fator gênero, articulado com raça/etnia, classe, geração e sexualidade produz performances e discursos musicais específicos (SAWIN, 2002; SARKISSIAN, 1992).

Além do referido subprojeto sobre o “Som das compositoras de Salvador”, o projeto principal conta ainda com outros três sub-projetos: 1. *Feminaria Musical I*: O que (não) se produz sobre música e mulheres no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD) das universidades federais brasileiras; 2. *Feminaria Musical II*: O que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos Anais dos encontros das associações musicais brasileiras e 3. *Feminaria Musical III*: O que (não) se produz sobre música e mulheres no Brasil nos periódicos dos Programas de Pós-Graduação em Música do Brasil. Estes subprojetos consistem de elaboração de um mapeamento sobre a produção de conhecimento sobre mulheres e música no Brasil.

Como os nomes indicam, este primeiro levantamento considerou desde trabalhos acadêmicos (dissertações e teses) a anais de congressos das associações brasileiras dos diversos campos de estudos sobre música e também dos periódicos dos Programas de Pós-Graduação em Música das universidades federais brasileiras, considerando, inicialmente, o recorte temporal de 2007-2011.¹¹ Este resultou também numa primeira amostragem detalhada passo a passo em outro artigo já citado (Rosa et al 2013). Ao final deste primeiro mapeamento, ainda que sujeito a modificações posteriores, permaneceu a constatação de que a produção musical acadêmica ainda é insuficiente, quando se trata de pesquisas com o recorte em questão.

¹¹ Este ano ampliando o recorte temporal para 2013.



3. Dos experimentos sonoros

Como atividade de extensão que compreendemos como atividade militante feminista, o grupo vem realizando performances dentro do ambiente acadêmico e fora dele, envolvendo públicos diversos. Nestas atividades buscamos agregar a exploração/construção artística sobre o questionamento e enfrentamento a padrões culturais racistas, sexistas e heteronormativos, criando um espaço para reflexão sobre nossas diversas construções de identidade¹², tanto do grupo como dos grupos com os quais trabalhamos. Nos inspiramos pelo conceito de uma musicologia corporificada e gendrada como nos oferecem Suzanne Cusick (2008) e Pauline Oliveros (Mockus, 2007), ou seja, onde o corpo, a identidade de gênero, raça e sexualidade estejam no processo criativo como parte dele. Basicamente temos seguido o seguinte processo:

O Feminaria Musical: grupo de pesquisa e experimentos sonoros é um grupo que integra a linha de pesquisa Gênero, Arte e Cultura do Núcleo de Estudos Interdisciplinares sobre a Mulher (NEIM/UFBA) e atualmente é formado por professor@s e alun@s de diferentes unidades da UFBA e também por artistas colaborador@s que têm contribuído de forma significativa para a pesquisa e para pensar novas propostas que unam pesquisa e produção artística coletivas. Com o grupo realizamos encontros semanais para discutir textos sobre músicas e feminismos em geral, questões concernentes à área da etnomusicologia, além da condução da nossa pesquisa. (ROSA, 2013, p. 4).

As atividades e eventos que participamos refletem muito bem a nossa proposta de uma extensão universitária militante: 1. XVII Simpósio Baiano de Pesquisadoras (es) do Neim - improvisação coletiva como trilha sonora para o desfile Híbrida de Carol Barreto¹³, que trazia à tona a questão da transexualidade;¹⁴ 2. Desfile performático Pele, inspirado no filme “A pele que Habito”, do diretor espanhol Pedro Almodóvar - improvisação coletiva como trilha sonora para o desfile em questão, , que trazia a questão da transexualidade;¹⁵ 3. II ENNUFBA (Encontro de Estudante Negros/as, Indígenas, Quilombolas e Cotistas da UFBA), com palestra das Prof^{as} Carol Barreto e Laila Rosa sobre processos criativos como estratégias políticas, tendo raça, gênero e sexualidade como tema, atividade de escuta musical e intervenção do grupo – ao final, realização de atividade de integração com o público de estudantes presentes, com improvisação musical coletiva;¹⁶ 4. Festival Feminista Vulva la Vida - atividade de apreciação musical, integração e

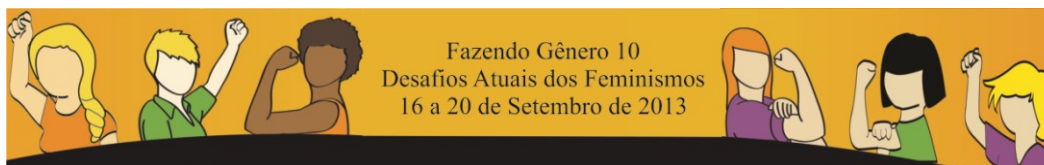
¹² Vale ressaltar que o coletivo é extremamente heterogêneo nos diversos aspectos étnico-raciais, de gênero, sexualidade e de classe social, podemos dizer que em termos geracionais somos um grupo jovem (entre 22 a 34 anos).

¹³ Nesta performance contamos com a participação da cantora Candice Fiais e a intervenções do bailarino André Singleton. Nesta mesma noite houve também a performance do grupo Baphão Queer. A Prof^a Ms. Carol Barreto, Design de Moda e Prof^a do Bacharelado em Gênero e Diversidade da UFBA é uma importante colaboradora do grupo.

¹⁴ Realizado na UFBA em Maio de 2012

¹⁵ Realizado no Teatro Movimento da Escola de Dança da UFBA em novembro 2012.

¹⁶ Realizado no Pavilhão de Aulas Federação, PAF, da UFBA em novembro de 2012.



improvisação musical com o grupo de participantes;¹⁷ 5. Comemoração do 8 de Março – Dia da Mulher - atividade de apreciação musical, integração e improvisação musical com mulheres, desde profissionais da saúde a gestantes assistidas pela instituição;¹⁸ 6. Encontro “Uma troca de experiências e conhecimentos” - atividade de intercâmbio com grupo de estudantes dos EUA, com atividade de integração, apresentação de trabalhos de integrantes dos grupos participantes, que giravam em torno da discussão de demarcadores de diferença, sobretudo gênero e raça, e improvisação musical.¹⁹

Nossas produções, intervenções e performances estão baseadas ainda na importante articulação entre gênero, sexualidade, raça/etnia, geração e outros marcadores sociais que delineiam nossas corporalidades (Butler, 1999) e lugares de falas específicos (Haraway, 1988). Buscamos compor uma intervenção feminista anti-racista e LGBT. Reforçando que:

Esta nossa atuação também artística demonstra que, em tão curto período, a receptividade do grupo por parte do público dentro e fora da academia pode ser traduzida na sua relevância e, que, portanto, vem alcançando nossos objetivos teóricos, políticos e artísticos. Esta consiste na interface de produção científica aliada à produção artística do grupo, contando com processos criativos coletivos, performances e reflexões sobre os mesmos. (ROSA, 2013, p. 5)

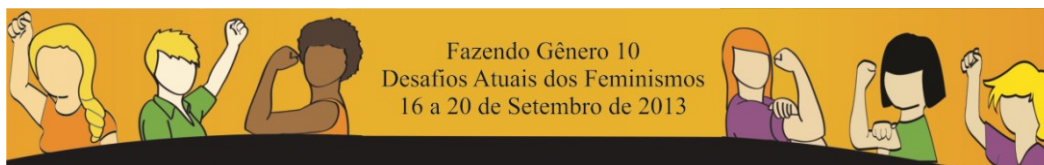
Para tanto em nossas apresentações buscamos como metodologia, suscitar reflexões sobre as histórias de vida relatadas durante o momento de integração, geralmente através da apreciação musical ativa com a escuta de diversos exemplos musicais, e feedback sobre a experiência desta escuta através de relatos, desenhos, escritos, etc. O mesmo tem por objetivo o compartilhamento de experiências de enfrentamentos diversos e de reflexões sobre os mesmos. A partir desses depoimentos são construídos, em conjunto com o público os momentos de improvisação musical.

Em nossas performances buscamos ainda a criação fora dos cânones acadêmicos musicais. Retomando o princípio feminista da horizontalidade e da dialogicidade freireana, pensamos o processo criativo como acessível a tod@s, não necessariamente ligado ao domínio técnico instrumental ou da teoria musical vigente nos ambientes acadêmicos através da improvisação experimental com voz e movimentos corporais. Realizamos também esses procedimentos em nossos encontros semanais. Após as discussões suscitadas seja por textos sugeridos ou temas ligados aos estudos feministas e pós-coloniais, criamos momentos de improvisação baseados nas reflexões surgidas durante essas discussões, adotando os conceitos teóricos como conceitos musicais a serem desenvolvidos.

¹⁷ Realizado na Biblioteca Pública do Estado da Bahia (Biblioteca Central), Barris em janeiro de 2013.

¹⁸ Realizado na Maternidade Climério de Oliveira, Maternidade escola pública que é gerida pela UFBA, em março de 2013.

¹⁹ Realizado no Centro de Estudos Afro Orientais (CEAO) da UFBA em junho de 2013



Sem sombra de dúvida, estes processos ou experimentos têm sido muito importantes tanto para a integração do próprio grupo, como para a intervenção do mesmo junto na sociedade civil, junto aos grupos com os quais vem trabalhando, construindo de forma dialógica, experiências reflexivas e musicais.

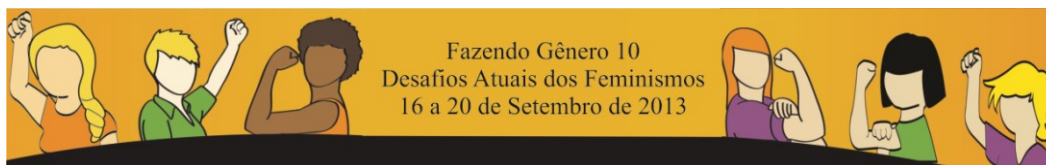
4. Por fim... ações para uma atuação feminista, anti-racista e LGBT na música

Enquanto iniciativa que teve seu início e é sediada fisicamente no âmbito da universidade pública, acreditamos que o importante tripé pesquisa, ensino e extensão vem sendo devidamente cumprido com as atividades e pesquisas do FM, como brevemente relatamos no decorrer deste artigo. Indo além, pensando numa militância feminista anti-racista e LGBT no campo do musical, acreditamos (ou pelo menos desejamos) que estejamos caminhando para fortalecer esta militância de forma criativa e experimental de intervenção social. Como proposto tempos atrás num outro artigo sobre uma perspectiva etnomusicológica feminista:

Certamente, nesta perspectiva etnomusicológica feminista que por ora apresentamos, trazer tais categorias de gênero, raça/etnia, sexualidade, geração e de classe para pensar sobre música consiste no mínimo numa experiência que possa *abrir os ouvidos* e a nossa percepção. Talvez seja também um ato de coragem transformadora que possa reformular as nossas abordagens traduzindo-as em atuações *polifônicas*, além de situar a nossa própria fala enquanto sujeito, distanciando a pesquisa da utopia apolítica de neutralidade científica. *Abrir os ouvidos*, no entanto, representa não somente a abordagem que ocorre sobre os mais diferentes universos musicais, tratando destas importantes categorias políticas, consistindo também nas temáticas eleitas como foco de pesquisas e de atuação social. (LÜHNING; ROSA, 2010, p. 333).

Neste sentido, esperamos poder compartilhar através deste artigo esse desejo compartilhado entre nós, FM, oferecendo este breve panorama sobre o que nos move política e teoricamente, com nossa pesquisa sobre epistemologias feministas em música no Brasil, já em seu segundo ano, incluindo a significativa parte etnográfica e ainda, artisticamente, através dos nossos experimentos sonoros anteriormente relatados.

Certamente que reconhecemos nossas limitações em termos de abrangência, que neste ano passado se centrou majoritariamente no campus universitário. Temos consciência de que somos um grupo jovem, com apenas um ano de existência e muitos ajustes e caminhos a percorrer, sobretudo em relação à parte pedagógica, onde buscaremos sistematizar e aprofundar nossas propostas de intervenção e, sobretudo, nossas aprendizagens com cada experiência. Contudo, ainda assim,



apresentamos uma abordagem otimista de possibilidades de pesquisa, ensino e extensão militante feminista anti-racista e LGBT, considerando a transversalidade das relações de gênero, étnico-raciais, das sexualidades e geracionais não somente como legítima para a compreensão do musical, mas também como forma criativa de estratégia de enfrentamento político ao racismo, sexismo e lesbo-homo-transfobia.

Referências

ANZÁLDUA, Glória. *La conciencia mestiza/ Rumo a uma nova conciencia*. Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 3, dez. 2005. p. 704-719.

BRETT, Philip; WOOD, Elizabeth. Gay and Lesbian Music. In: Stanley Sadie; John Tyrrell (Ed.). *The New Grove dictionary of music and musicians*. London: Macmillan, 2001. Disponível em: <<http://www.oxfordmusiconline.com/public/>>. Acesso em: abr. 2013.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo. In: LOURO, Guacira Lopes. *O corpo educado, pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 153-172

CARDOSO, Cláudia Pons. *Outras falas: feminismos na perspectiva de mulheres negras brasileiras*. 2012. Tese (Doutorado em Estudos Interdisciplinares sobre mulheres, gênero e feminismo). PPGNEIM, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

CARNEIRO, Sueli. Identidade feminina. In: Heleieth Saffioti; Monica Muñoz-Vargas (Ed). *Mulher Brasileira é assim*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1994, p. 187-194.

CUSICK, Suzanne. *Feminist Theory, Music Theory, and the Mind/Body Problem*. Perspective of New Music, v. 32, n. 1, Winter 1994. p. 8-27. Disponível em: <www.jstor.org/stable/833149>. Acesso em: 15 out. 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

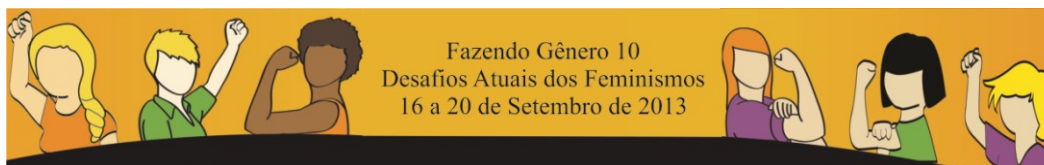
FREIRE, Rebeca Sobral. *A participação política das mulheres: Hip Hop e (novo) movimento social em Salvador*. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9., 2010, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2010.

GONZALEZ, Lélia. Mulher Negra. (1984). In: *Memorial Lélia Gonzalez*. [s.l.]: [s.n.], [s.n.]. Disponível em: <www.leliagonzalez.org.br>. Acesso em: abr. 2013.

HARAWAY, Donna. *Situated Knowledge: The Science Question in Feminism and the Privilege of Partial Perspective*. Feminist Studies, v. 14, n. 3, 1988, p. 575-599. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3178066>>. Acesso em: 15 out. 2008.

HOLANDA, Joana C.; GERLING, Cristina Capparelli. *Estudos de Gênero em Música a partir da Década de 90: Escopo e Abordagem*. Revista Associação Nacional de Música, Revista ANM, Rio de Janeiro, v. 15, p. 15, 2005.

LUHNING, A. E.; ROSA, Laila. Música e cultura no Brasil: da invisibilidade e inaudibilidade à percepção dos sujeitos musicais. In: ALVES, Paulo César (Org.). *Cultura: múltiplas leituras*. São Paulo; Salvador: EDUSC; EDUFBA, 2010. p. 319-348.



MELLO, Maria Ignez Cruz. *Iamurikuma: música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu*. Tese (Doutorado em Antropologia). UFSC, Florianópolis, 2005.

MOCKUS, Martha. *Sounding Out: Pauline Oliveros and Lesbian Musicality*. New York: Routledge, 2007.

MOREIRA, Talitha Couto. *Música, materialidade e relações de gênero: categorias transbordantes*. 2012. Dissertação (Mestrado em música-etnomusicologia). Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte.

NASCIMENTO, Clebemilton Gomes. *Pagodes Baianos: entrelaçando sons, corpos e letras*. Salvador: EDUFBA, 2012.

NOGUEIRA, Isabel P. MICHELON, Francisca Ferreira. *Mulheres intérpretes: representação e música em fotografias em branco e preto do acervo do conservatório de música da UFPEL*. TRANS-Revista Transcultural de Música/Transcultural Music Review 15. Disponível em: <<http://www.sibetrans.com/trans/p16/trans-15-2011>>. Acesso em: 15 jan. 2013.

NOLETO, Rafael da Silva. *Poderosas, divinas e maravilhosas: o imaginário e a sociabilidade homossexual masculina construídos em torno das cantoras de MPB*. 2012. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFPA, Belém.

PALOMBINI, Carlos. *Música Lésbica e Guei, de Philip Brett e Elizabeth Wood: notas de tradução*. PER MUSI: Revista de Performance Musical, v. 8, dez. 2003, p. 157-164.

PINSKI, Carla Bassanezi; PEDRO, Joana Maria (Org.). *Nova História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2012.

ROSA, Laila; ALCÂNTARA, Neila; ARAÚJO, Sheila; HORA, Eric; IYANAGA, Michael; SILVA, Laurisabel e MORAES, Luciano Medeiros. *Epistemologias feministas e a produção de conhecimento recente sobre mulheres e música no Brasil: algumas reflexões*. Artigo no prelo. 2013. 31p.

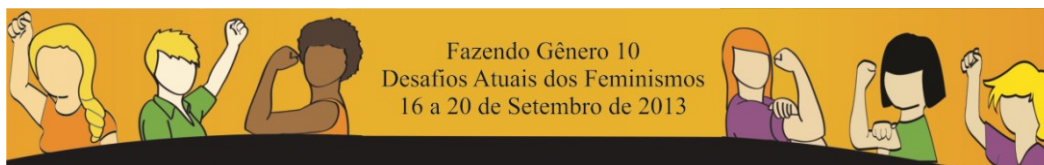
ROSA, Laila. *Feminaria musical ou epistemologias feministas em música no Brasil 2: da experiência etnográfica*. Projeto de Iniciação Científica apresentado ao Programa SISBIC/UFBA 2013. 11p.

_____. *Feminaria musical ou epistemologias feministas em música no Brasil*. Projeto de Iniciação Científica apresentado ao Programa Permanecer 2012. 5p.

_____. *As juremeiras da nação Xambá (Olinda, PE): músicas, performances, representações de feminino e relações de gênero na jurema sagrada*. 2009. Tese (Doutorado em Música). PPGMUS/UFBA, Salvador. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.ufba.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3600>. Acesso em: out. 2012.

_____. *Epahei Iansã! música e resistência na Nação Xambá: uma história de mulheres*. 2005. Dissertação (Mestrado em Música/etnomusicologia). PPGMUS/UFBA, Salvador.

SARKISSIAN, Margaret. Gender and Music. In: MYERS, Helen (Ed.). *Ethnomusicology: an introduction*. New York: W. W. Norton, 1992. p. 337-48.



SAWIN, Patricia E. *Performance at the Nexus of Gender, Power, and Desire: Reconsidering Bauman's Verbal Art from the Perspective of Gendered Subjectivity as Performance*. *The Journal of American Folklore*, v. 115, n. 455, 2002, p. 28-61. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/542078>>. Acesso em: out. 2012.

SCHIEBINGER, Londa. *O feminismo mudou a ciência?*. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2001.

SCOTT, Joan. História de mulheres. In: BURKE, Peter (Org.). *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992. p. 63-95.

_____. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Tradução de Christine Rufino Dabat e Maria Betânia Ávila. Recife: SOS Corpo, 1991. p. 27.

SEGATO, Rita Laura. *Identidades políticas e alteridades históricas: uma crítica a las certezas del pluralismo global*. *Revista Nuevas Sociedad*, Buenos Aires, n. 178, 2002, p. 104-125.

_____. *Okarilé: uma toada icônica de Iemanjá*. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, n. 28, 1999, p. 237-253.

_____. *Santos e Daimones: o politeísmo afro-brasileiro e a tradição arquetipal*. Brasília: Editora da UnB, 1995.

AUTOR DA OBRA. *Título da obra*: subtítulo. Número da edição. Local de Publicação: Editor, ano de publicação.

SILVA, Helena Lopes da. *Música no espaço escolar e a construção da identidade de gênero: um estudo de caso*. 2000. Dissertação (Mestrado em Música). PPGM/UFRGS, Porto Alegre.

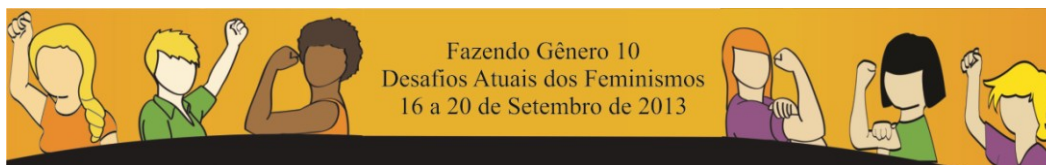
SOVIK, Liv. *Aqui ninguém é branco*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

TANAKA, Harue. "As Ganhadeiras de Itapuã (estudo de caso): gênero, música e educação". In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 8., 2008, Florianópolis. *Anais...* Florianópolis: UDESC/ UFSC, 2008.

WERNECK, Jurema Pinto. *O samba segundo as ialodês: mulheres negras e a cultura midiática*. 2007. Tese (Doutorado em comunicação). UFRJ, Rio de Janeiro.

Feminaria Musical: Research Group and Sound Experiences

Abstract: This paper presents a short picture of a research and performance group, Feminaria Musical. It is a group enrolled to both Music School and Research Group on Gender, Culture and Art (Nucleus of Interdisciplinary Women Studies, NEIM/UFBA) at Federal University of Bahia. The idea of the group comes from the need of creating a theoretical and political space for discussion and artistic experiences regarding ethnomusicological, feminist and postcolonial approaches. With a year of existence, the group has had professors and students from several areas of music and arts, such as artists "outside" academia, whom had enjoyed it. Our knowledge productions and performances consider the important articulation between gender, sexuality, race/ethnicity, generation and other social and identity specificities.



Keywords: Gender, race and sexuality – Knowledge Production on Women and Music in Brazil - Music/Ethnomusicology.